



Circuitos agroecológicos: a experiência da feira de produtos orgânicos da praça Brasil em Belém – PA

Agroecological circuits: the experience of the organic products fair at praça Brasil in Belém – PA

Circuitos agrícolas: la experiencia de la feria de productos orgánicos en praça Brasil en Belém – PA

Aelton Dias Costa

Graduando, UFPA, Brasil
aeltondcosta@gmail.com

Adriana Bezerra Miranda

Graduando, UFPA, Brasil.
adriaannabezerra0627@gmail.com

Rita Denize de Oliveira

Professora Doutora, UFPA, Brasil.
Ritadenize@ufpa.br

Jorge Sales dos Santos

Graduando, UFPA, Brasil
Jorge.santos@ifch.ufpa.br

**RESUMO**

Os sistemas agroecológicos ultrapassam fronteiras, não limitando-se apenas aos municípios rurais, chegando as grandes cidades e estabelecendo novas relações no circuito espacial da produção. O estudo em questão visa estabelecer conexões entre o discurso e a prática agroecológica em ambientes urbanos, estabelecendo uma área de estudo em Belém do Pará, na feira agroecológica que ocorre na praça Brasil. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi realizado inicialmente o levantamento bibliográfico da área de estudo, para a obtenção de dados históricos sobre as feiras ao ar livre em Belém. Tal estudo foi realizado através da pesquisa sistemática em artigos, dissertações e teses sobre as bases teóricas acerca da discussão de agroecologia e dos processos do campo, além de pesquisas envolvendo circuito espacial da produção existente na capital paraense. As questões que permeiam a discussão acerca da agroecologia e de suas vertentes, estabelecem uma intercomunicação social entre os conceitos campo, rural, urbano, cidade; onde a agroecologia flutua teoricamente entre esses processos de conceitualização, tornando-a uma discussão além do ramo da geografia agrária.

PALAVRAS-CHAVE: Agroecologia. Campo. Práticas sustentáveis.

ABSTRACT

Agroecological systems cross borders, not being limited only to rural municipalities, reaching large cities and establishing new relationships in the spatial circuit of production. The study in question aims to establish connections between discourse and agroecological practice in urban environments, establishing a study area in Belém do Pará, at the agroecological fair that takes place in Praça Brasil. For the development of the research, a bibliographic survey of the study area was initially carried out, to obtain historical data on the open air fairs in Belém. Such study was carried out through systematic research in articles, dissertations and theses on the theoretical bases about the discussion of agroecology and the processes of the field, in addition to research involving the spatial circuit of production existing in the capital of Pará. The questions that permeate the discussion about agroecology and its aspects, establish a social intercommunication between the concepts of countryside, rural, urban, city; where agroecology theoretically fluctuates between these conceptualization processes, making it a discussion beyond the branch of agrarian geography.

KEYWORDS: Agroecology. Field. Sustainable practices.

RESUMEN

Los sistemas agroecológicos cruzan fronteras, no se limitan solo a los municipios rurales, alcanzan grandes ciudades y establecen nuevas relaciones en el circuito espacial de producción. El estudio en cuestión tiene como objetivo establecer conexiones entre el discurso y la práctica agroecológica en entornos urbanos, estableciendo un área de estudio en Belém do Pará, en la feria agroecológica que tiene lugar en Praça Brasil. Para el desarrollo de la investigación, se realizó inicialmente una encuesta bibliográfica del área de estudio, para obtener datos históricos sobre las ferias al aire libre en Belém, estudio realizado a través de investigaciones sistemáticas en artículos, disertaciones y tesis sobre las bases teóricas. sobre la discusión de la agroecología y los procesos del campo, además de la investigación que involucra el circuito espacial de producción existente en la capital de Pará. Las preguntas que impregnan la discusión sobre la agroecología y sus aspectos, establecen una intercomunicación social entre los conceptos de campo, rural, urbano, ciudad; donde la agroecología fluctúa teóricamente entre estos procesos de conceptualización, convirtiéndolo en una discusión más allá de la rama de la geografía agraria.

PALABRAS CLAVE: Agroecología. Campo. Prácticas sostenibles.



1. INTRODUÇÃO

Historicamente a agricultura orgânica surgiu antes da revolução verde na Europa em meados do século XX, recebeu nomes como agricultura alternativa ou agricultura ecológica, como nos dias atuais, com o crescimento de doenças provenientes dos alimentos modificado por agrotóxicos, entre outros fatores fazem com que os consumidores busquem alimentos saudáveis, para consumir seja associado à preservação de saúde ou a um estilo de vida anti comunitária, são todos movimentos de reação e de contestação ao domínio técnico industrial e crítico à agricultura de insumos químicos. (BARRES BONNY, LEPAPE, REMY, 2000).

Diante do crescimento dos movimentos ecológicos e de uma demanda por produtos agrícolas que apresentam menor risco à saúde, a agricultura alternativa encontra na ecologia seu fundamento para uma nova expansão e dinamização. A agricultura ecológica, representada por diferentes correntes (agricultura orgânica, agroecológica) passa a ser fomentada particularmente por associações lideradas por agrônomos técnicos que retornam ao campo, chamados novos rurais.

A agroecologia não é apenas um conjunto de técnicas e avanços de tecnologias voltadas à produção agrícola sustentável. mas baseia-se em princípios ecológicos que abrangem o manejo dinâmico da biodiversidade, a reciclagem de nutrientes, a construção da vida do solo e a conservação da energia em diversas escalas, o que leva à redução significativa no uso de insumos produzidos pela indústria agroquímica. Além de considerar esses princípios ecológicos para estudar, planejar e manejar agroecossistemas, a agroecologia se preocupa com que esses agroecossistemas sejam ao mesmo tempo produtivos e conservadores dos recursos naturais além de culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente viáveis.

Partindo desse pressuposto, o presente estudo contextualiza a feira de produtos orgânicos em Belém do Pará e as dinâmicas do circuito espacial de produção que a envolvem. Com isso, foram realizados levantamentos in loco, através de entrevista semiestruturada, buscando informações quanto a origem dos produtos e produtores que comercializam na feira de produtos orgânicos, também se buscou, responder o questionamento referente aos benefícios dos produtos para sociedade, a natureza e a saúde. O estudo também contará com a definição do que se trata o tema; agroecologia, produtos agroecológicos e circuitos de produção alternativa

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

- Estabelecer conexões entre o discurso e a prática agroecológica em ambientes urbanos

2.2. OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Caracterizar as questões teóricas que permeiam a discussão sobre agroecologia
- Traçar estratégias para o mercado alternativo em Belém-PA.
- Identificar as relações socioespaciais do circuito espacial da produção na feira de produtos orgânicos da praça Brasil em Belém do Pará.

3. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi realizado inicialmente o levantamento bibliográfico da área de estudo, para a obtenção de dados históricos sobre as feiras ao ar livre em Belém. Tal estudo foi realizado através da pesquisa sistemática em artigos, dissertações e teses sobre as bases teóricas acerca da discussão de agroecologia e dos processos do campo, além de pesquisas envolvendo circuito espacial da produção existente na capital paraense.

Foram elaborados mapas temáticos com apoio do software ArcGis 10.5 com base de dados do (IBGE, 2016) além de levantamentos in loco de dados georreferenciados com auxílio do sistema global de posição (GPS); o trabalho de campo deu-se em dois momentos, o primeiro através de entrevistas formais e informais com aplicação de questionário com feirantes e clientes para a caracterização do perfil social das pessoas que frequentam e trabalham no local, no segundo momento deu-se através de levantamento fotográficos para exemplificação dos dados obtidos no questionários.

Figura 1: Localização do Município de Belém



4. RESULTADOS

4.1. AGROECOLOGIA COMO ELEMENTO SOCIAL.

Agroecologia é uma ciência interdisciplinar, sendo assim entendesse a agroecologia como ferramenta capaz de manter a soberania dos povos tradicionais e camponeses por resguardar o domínio desses povos em seus territórios, através da autonomia sobre a produção dos alimentos e sua distribuição. Pois no momento os povos da floresta encontram-se entrincheirados entre a agroindústria modernizante e os grandes conglomerados alimentares, criando uma falsa ideia de que as tecnologias modernas, dos complexos agroindústrias e



alimentares são a solução para uma nova geração do modo de alimentar e assim, criando a ilusão de avanço para um futuro próximo o que não é confirmado pelos senso agropecuários que revelam a superioridade de produção de alimentos sob a base da agricultura familiar e local (DOURADO, 2012).

Os aglomerados agroalimentares estão adotando o discurso de sustentabilidade, produzindo orgânicos e plantando “florestas” e dessa maneira tipificando e precificando os produtos orgânicos, construindo a ideia de agroindústria sustentável, porém a agroecologia está relacionada com os saberes e práticas dos povos tradicionais e camponeses de forma a entender que a defesa da diversidade ambiental está intrinsecamente ligada a diversidade cultural, tornando-se parte da luta anticapitalista que se manifesta nos conflitos agrários por terra e por soberania.

Caporal e Costabeber (2014) estabelece a discussão entre a agricultura em seu processo Histórico, compreendendo dois grandes momentos de mudanças que provocaram significativas transformações, o primeiro refere-se a chamada revolução verde iniciada primeiramente na Europa e Estados Unidos no final do século XVIII, intensificada nos países ditos de terceiro mundo no Pós-Segunda guerra, tendo como paradigma dominante o produtivismo, almejando atingir grandes safras com a utilização de inovações tecnológicas, como por exemplo a hibridação do milho e cultivo de plantas que permitissem o uso de maquinaria e que fossem resistentes as pragas, também passou-se a utilizar insumos químicos.

Esse processo foi acompanhado de uma nova forma de se produzir no campo e despertando perspectiva de converter os processos naturais à vontade humana, mesmo que não tenha alcançado, ocorreu um desapego pelas formas de produção mais tradicionais, esse modelo entrou em crise, pois não conseguiu distribuir a renda igualmente entre os produtores, pelo contrário, essas atividades provocaram o aumento das desigualdades sociais além de promover alta degradação do solo; estabelecendo a crise do modelo produtivista por não garantir a sustentabilidade ambiental e social, entretanto a tecnologia ainda é vista como “salvadora” deste cenário como é o exemplo dos transgênicos a partir da modificação genética e o avanço de técnicas da chamada agricultura de precisão, dando a entender que é possível produzir muito em um curto espaço e tempo, dessa maneira o produtivismo tornasse incubado pelas ideias de sustentabilidade (CAPORAL E COSTABEBER, 2014).

De outro lado encontra-se nas tecnologias (saberes) tradicionais uma chave para a sustentabilidade, assim como a produção de orgânicos e o reforço da agricultura familiar local, essas duas formas de ecologização do campo dão origem ao que é entendido por corrente ecotecnocrática e ecosocial, sendo a primeira aquela que encara as mudanças técnicas e tecnológicas de produção sem alterar as estruturas de poder assistindo a terra como mercadoria que deve servir para produção de bens e serviços, enquanto a ecosocial preocupa-se com as esferas políticas, social, econômica, físico geográfica e cultural do trabalhador do campo e oferece a agroecologia como ciência interdisciplinar que procura compreender essas relações (CAPORAL E COSTABEBER, 2014).

No Brasil a agricultura orgânica foi introduzida pelos europeus que haviam vivenciado a revolução verde nos seus países e replicaram as técnicas no país, contudo nem todos apoiavam



essas técnicas de plantios, sendo marginalizadas, pois, a elite dominante apoiava as tecnologias para cultivarem em larga escala, já que a agricultura orgânica é cultivada em pequena escala. A agroecologia aqui será tratada como conjunto de princípios e metodologias científicas que ajudam a pensar um desenvolvimento rural sustentável (CAPORAL E COSTABEBER, 2004), dessa maneira procurou-se investigar através dos princípios da agroecologia os parâmetros de um desenvolvimento sustentável na agricultura levando em consideração os planos políticos, sociais, econômicos, culturais etc. em particular nossa preocupação mira a racionalidade dos agricultores e sua relação com a natureza (LEFF, 2006).

No modelo da revolução verde foi imposto ao homem do campo o modelo educacional dirigido pelo estado e com recursos externos, afim de industrializar o campo, esse modelo incentivou a parceria do estado com o produtores de grande e médio porte, promovendo uma maior desigualdade no campo e uma relação mais estreita do campo com a cidade,

Esse processo e o aumento do consumo de insumo químicos e mecanização da produção rural promoveu a degradação do solo e a piora na qualidade de vida daqueles que estão diretamente lidando com os produtos e indiretamente aqueles que consomem os produtos. Esse modelo ainda torna o campo refém das oscilações financeiras e da indústria das grandes cidades, por isso identificar tecnologias alternativas ao modelo vigente tornasse importante para propor saídas inteligentes desse processo.

Outra proposta seria que a extensão rural por algum tempo procurou fornecer recursos para aqueles que poderiam pagar, agora priorizando os agricultores mais empobrecidos e vulneráveis afim de que se faça uma distribuição de renda mais justa. Para isto o investimento na agroecologia aliados as práticas mecanizadas podem ser fundamentais.

Portanto, duas são as questões principais que permeiam a extensão rural e se tornam fundamentais para se propor uma nova extensão rural, a primeira se refere ao processo de mecanização e uso de insumos químicos, produtores de grande degradação no solo e baixa na qualidade de vida no campo e na cidade, a segunda referisse ao modelo que prioriza aqueles que podem pagar tornando-se insuficiente para garantir um desenvolvimento legítimo.

Assim, é fundamental que a nova extensão rural se decida claramente pelo seu público alvo, os pequenos e médios produtores que não dispõem de meios para investir na sua produção, assim como sem terras, boias-frias e marginalizados. Outra questão se trata da extensão rural, que deveria se preocupar em investir em um modelo de educação do campo libertadora afim de que se possa construir novas ideias sobre o campo e suas práticas sociais, uma nova extensão rural que se preocupa em fortalecer estratégias mais inteligentes e de produção sustentável sem o uso abusivo dos insumos, aproveitando os potenciais do local e suas variáveis. As práticas colocadas pela revolução verde tornaram o campo dependente das maquinas e dos insumos, que degradaram a qualidade de vida das pessoas, além de aprofundar a desigualdade do campo. A nova extensão rural deverá ter a missão de corrigir esse atropelo investindo no setor mais vulnerável do campo e garantindo uma distribuição de renda mais justa aliada a uma produção mais inteligente e sustentável.



4.2. O QUE É A FEIRA DE PRODUTOS ORGÂNICOS?

Para além dos alimentos, as feiras orgânicas oferecem uma variedade de produtos orgânicos artesanais processados por pequenas cooperativas e/ou agricultoras e agricultores locais. Encontram-se produtos como doces, bebidas típicas (como cachaças, cervejas, sucos), queijos, pastas, massas, artesanato, cosméticos e até produtos medicinais como fitoterápicos.

Além disso, com a feira de produtos orgânicos, o consumidor contribuiu com o fortalecimento da produção em pequena escala, pela agricultura familiar, na maioria das vezes. As agricultoras e agricultores encontram sua maior dificuldade no escoamento dos seus produtos, ou seja, produzem sem conseguir vender. Feira orgânica é um meio interessante de comercialização para o pequeno produtor e oferece uma interação importante entre o agricultor e consumidor. Segundo Morais e Araújo (2019) do mesmo espaço onde acontece essa manifestação socioeconômica e cultural; homens, mulheres, jovens e crianças, provenientes da zona rural, também se mobilizam para participarem de mais um dia de feira, inclusive revisitando familiares e amigos, desenvolvendo, concomitante ao dia de mercado, eventos e micro eventos, e efetuando as atividades de compra, venda e troca de inúmeros produtos na malha urbana onde a feira está localizada.

4.3. MERCADOS ALTERNATIVOS

Nas brechas do sistema hegemônico vigente, formou-se através da luta pela resistência, mercados e práticas consideradas alternativas. Segundo Niederle e Almeida (2013) essas práticas alternativas, que valorizam a produção local, familiar e de autoconsumo devem ser melhor aproveitadas a partir de um sistema organizacional de baixo para cima ao invés de um sistema de cima para baixo como é apreciado nos grandes empreendimentos, sendo assim um mercado alternativo e cooperativo.

A troca de mercadorias está presente na formação das civilizações desde os tempos mais antigos, inicialmente pela forma de troca de mercadorias e posteriormente com o surgimento de uma moeda de troca fixa, o que fez com que se entenda hoje mercado como ambiente virtual ou social que promova as trocas bens ou serviço. À medida que a população cresce os bens e serviços bando margens para atravessadores que se tornam corporações que muitas vezes cometem abusos (FERREIRA *et al*, 2016).

Os elementos que compõe os mercados convencionais são a transformação da produção de alimentos em commodities, os incentivos financeiros, a capacidade dos intermediários de adquirir vantagens, a mídia incentivadora do consumo de produtos duvidosos, a restrição da produção através de normas e o processo de certificação que mais favorece os intermediários do que os produtores (FERREIRA *et al*, 2016). Estas questões levam a procura de formas de aproximação do consumidor com o produtor, dando validade ao produto em questão

A propaganda é fundamental para a escolha de alimentos pelos consumidores. Nestle (2013) revela que durante o século XX ocorreu um aumento significativo da produção agrícola, que possibilitou em alguns países migrarem do problema da desnutrição para a obesidade, gerando problemas de saúde. Fruto de uma mudança de hábitos, pois antes cozinhávamos os próprios alimentos e hoje compramos feito, processados e vindos de lugares distantes.



Esse modelo de circuitos longos demonstra sua fragilidade por não garantir Segurança Alimentar, tanto na acessibilidade quanto na qualidade desses alimentos, o que é visto como duvidosos. Buchler *et al.* (2010) compreende dois tipos de riscos, os riscos modernos ligados a forma de produção e processamento moderno e globalizado com uso abusivo de insumos, agrotóxicos e conservantes e os riscos tradicionais, que estão relacionados com a alocação dos alimentos em ambientes inadequados, diante dos riscos começam a surgir normas de certificação e instituições de controle que validem os produtos, o consumidor adquire um alimento certificado por terceiros o que impede que ele conheça as verdadeiras condições de produção, armazenamento e distribuição do produto.

Essas regras produzem exclusão por não permitirem acesso ao mercado, os produtores que não desempenham os padrões exigidos, reforçando os oligopólios alimentares e causando preocupação, pois quem vai decidir sobre as regras que definem segundo Goodman *et al.* (2010) quem pode produzir e participar das negociações são as grandes corporações.

Segundo Ferreira *et al.* (2016) os programas de compras públicas são importantes ferramentas para aproximar os produtores dos consumidores e valorizar o pequeno produtor rural, com a possibilidade de negociação no mercado e de trocas de conhecimento com outros produtores. Sendo papel da sociedade promover campanhas que conscientizem o consumo consciente, boicotando produtos que não tenham qualidade, além de junto ao Estado fiscalizar a comercialização de produtos de origem duvidosa e promover através da mídia programas que valorizem a educação alimentar.

Os mercados alternativos atingem os consumidores de forma diferenciada dos mercados convencionais, e a valorização dos mesmos no Brasil segundo Grisa e Schneider (2015) significa que a sociedade tem condições de pensar maneiras de se contrapor ao processo de modernização da agricultura em favor dos agricultores familiares, e lembram da importância dos movimentos sociais na garantia da qualidade dos produtos através dos Organismos Participativos de Avaliação da Qualidade Orgânica – OPACs.

Os sistemas de circuitos curtos são exemplos de economias alternativas, sendo que não existe ainda uma precisão em torno deste termo Chaffotte e Chiffolleau (2007), compreende circuitos curtos como o que melhor aproxima o produtor do consumidor, em quanto Darolt (2013) afirma que os produtores que aderem a circuitos curtos apresentam algumas características como mais autonomia do agricultor, pequena propriedade (até 20ha), maior interligação entre produtor e consumidor, mão de obra familiar, sistema de produção diversificado e tendência a produtividade da propriedade como turismo, restaurante, acolhida etc.

Os mercados alternativos tornam-se integradores dos campos sociais, cultural, econômico, político e ambiental, evidenciando relações de cooperativismo e associativismo valorizando a identidade local e re-territorializando as práticas locais de produção, entretanto os desafios dos mercados alternativos são muitos, pois o Estado ainda escolhe investir em produtos mais baratos que de mais qualidade e promoção social, além de se encontrar uma carência por parte de líderes e desconhecimento por parte dos agricultores assim como dificuldade em adaptar-se a um novo modelo.

O que se percebe nos produtores que aderem ao modelo de mercado alternativo é a maior

preocupação com o processo de produção do produto, buscando formas mais sustentáveis, o contato direto com o consumidor garante uma pressão mais acirrada em relação a qualidade do produto, outro importante aspecto é a produção de novidades vinda dos conhecimentos locais Escobar (2002, p. 9), diz que é a partir da produção de novidades para a sustentabilidade que é possível pensar “mundos socionaturais diferentes que mantenham uma consciência da globalização sem serem desenvolvimentistas nem modernizantes”. Demonstrado que para as mudanças ocorrerem no âmbito global é necessário preservar e valorizar as práticas locais e suas territorialidades.

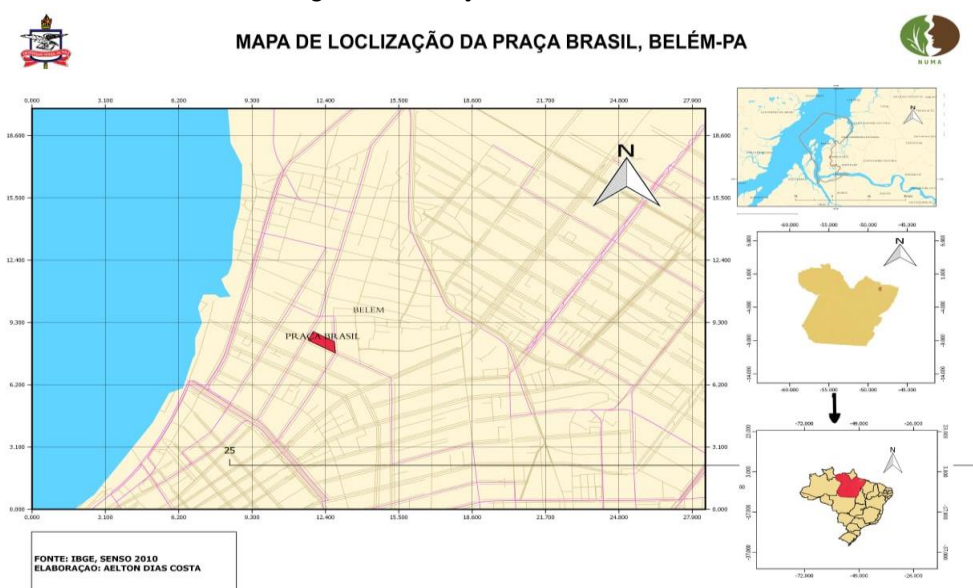
4.4. A FEIRA DE PRODUTOS ORGÂNICOS DE BELÉM

A feira de produtos orgânicos que ocorre nas praças de Belém, especificamente na Praça Brasil, apresenta uma variedade de produtos naturais sem a presença de agrotóxico, ou qualquer meio de controle de pragas que utilize substâncias industrializadas, todos os produtos são cultivados e cuidados de forma artesanal, como compostagens e adubos. Os produtores, residentes de municípios próximos de Belém comercializam seus produtos e criações já abatidos, polpa de frutas, mel, plantas medicinais, ornamentais e frutas.

A Feira de Produtos Orgânicos é realizada em Belém por produtores da Associação de Produtores Orgânicos do Pará – Pará Orgânicos, e acontece semanalmente, das sete da manhã ao meio dia, nos dias de quarta-feira e em dias de sábados, na Praça Brasil. Com a ajuda da associação de moradores, na realização de limpeza e cuidados com a infraestrutura da praça.

A feira de produtos orgânicos da Praça Brasil foi fundada em 2005, desde esse ano a feira segue fielmente nos dias estabelecido já está com 14 anos de funcionamento muito apreciada pelos moradores do bairro, por isso a praça sempre que é dia de feira está movimentada.

Figura 2: Localização da Área de Estudo



Fonte: COSTA, 2019.

Figura 3: Feira Agroecologia na Praça Brasil em Belém/PA



Fonte: CARDOSO, 2019.

A feira em Belém apresenta um cenário da produção de orgânicos de todo o Estado é inviável considerando as distâncias absolutas e relacionais num contexto amazônico, o que tem restringido a feira aos usos de produtores da Região Metropolitana de Belém (RMB) e da mesorregião do Nordeste Paraense. Pois, como muitos feirantes se deslocam de cidades que levam em médias de 2 a 4 horas de viagens para expor seus produtos na feira.

Por se tratar de produtos orgânicos, a sazonalidade dos alimentos é um fator preponderante sobre a oferta, em linhas gerais pode-se listar a comercialização dos seguintes produtos: ervas frescas e hortaliças, temperos fabricados a partir de raízes e frutos, assim como produtos de origem animal com e caso apresentado na imagem 2 que mostra ovos, galinha caipiras entre outros. Apesar de haver a comercialização de ovos de galinha e de pata, frango e pato congelados. Destaca-se também a comercialização das PANC (Plantas Alimentícias Não Convencionais), como a taioba, folha de amora, folha de algodão, moringa e outras.

Figura 4: produtos naturais a base de raízes e produtos de origem animal.

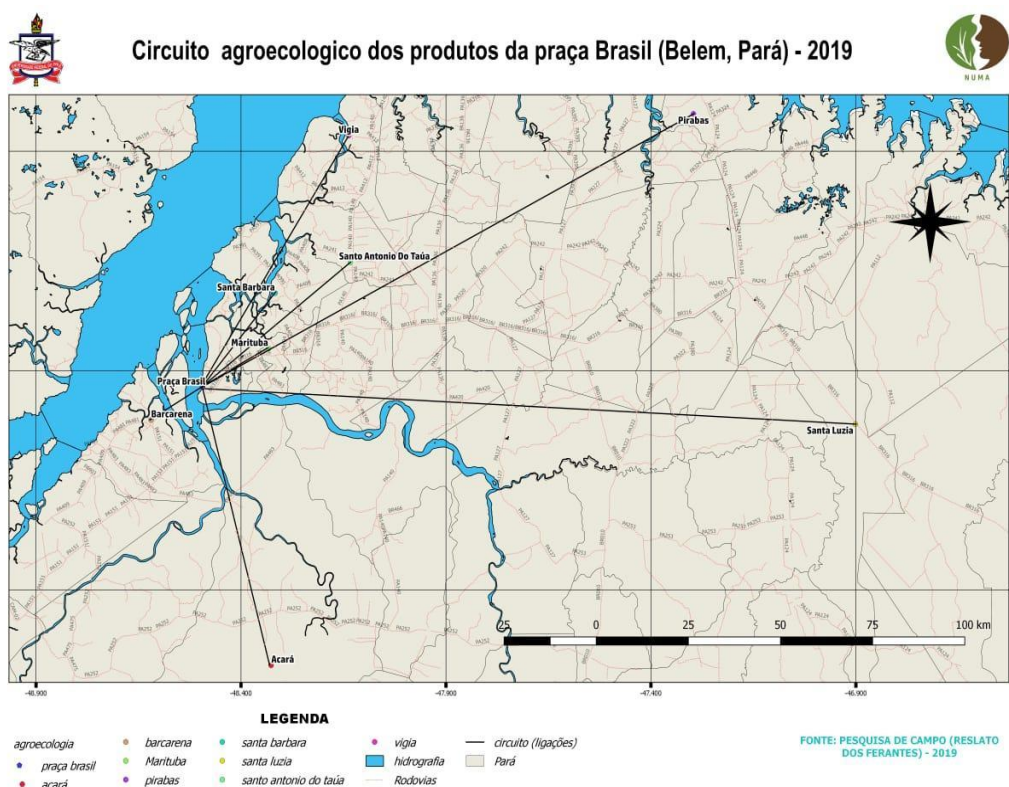


Fonte: MIRANDA, 2019.

Na feira de produtos orgânicos, as ervas fitoterápicas, são produtos muito procurados principalmente aqueles que são fontes de pesquisas que combate células cancerígenas. Na feira de produtos orgânica, é possível encontrar mudas de hortaliças, de plantas ornamentais e medicinais, e adubo. Alguns produtores trabalham com cosméticos e compostos de ervas, óleo de copaíba e de andiroba, que são utilizados como remédios por consumidores que dizem não fazer da feira uma alternativa apenas ao supermercado, mas à farmácia. No âmbito das feiras, são erigidos territórios de compra, venda e troca, demarcados materialmente pelas barracas, bancas e outros objetos geográficos, bem como, subjetivamente pelos indivíduos que frequentam esses espaços. (MORAIS; ARAÚJO, 2006)

O mapa detalha o caminho percorrido pelos agricultores e produtos até a chegada da feira, alguns veem do Acará, Santa Luzia, São João de Pirabas, Barcarena, Santa Bárbara, Marituba e santo Antônio do Tauá entre outros, esses são alguns lugares que representam a agricultura familiar desenvolvida no estado do Pará,

Figura 5: Circuito Agroecológico presente na Feira agroecológica da Praça Brasil



Fonte: COSTA, 2018.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões que permeiam a discussão acerca da agroecologia e de suas vertentes, estabelecem uma intercomunicação social entre os conceitos campo, rural, urbano, cidade; onde a agroecologia flutua teoricamente entre esses processos de conceituação, tornando-a uma discussão além do ramo da geografia agrária, desenvolvimento rural e áreas afins, pois, as práticas sociais agroecológicas permitem a solidificação da complexidade das funções agroecológicas.

Algumas estratégias dos mercados alternativos como a venda em propriedade; realizada no local de produção, venda em cestas; pacotes ou sacolas geralmente comercializadas por associação de produtores ou grupos de consumidores, feiras de produtos; promovem a venda direta do produtor ao consumidor, barracas de beira de estrada; comercialização direta nas beiras das estradas e rodovias, feiras, salões e eventos; eventos organizados para a divulgação dos produtos, alimentação escolar e pessoas em situação de risco alimentar; produtos destinados a organizações que lidam com vulnerabilidade social, lojas especializadas em produtos ecológicos; pequenos empreendimentos particulares que lidam com produtos ecológicos, restaurantes coletivos e tradicionais; estabelecimentos que oferecem cardápios de produtos da agricultura familiar e organitos, lojas de associações e cooperativas de produtores ou consumidores; oferecendo produtos exclusivo de uma determinada região e lojas virtuais para a venda de produtos ecológicos. Assim os mercados alternativos ganham força em favor da



crise do modelo hegemônico, tornando-se ferramenta fundamental para se pensar novas formas de ralação, agora mais solidarias e sustentáveis.

A experiência da Feira de produtos orgânicos da Praça Brasil estabelece um exemplo a ser seguido para o desenvolvimento da economia alternativa, local e solidaria, levando produtos a formar relações intrínsecas entre o ambiente e sociedade. É de certo que a dificuldade no transporte e por ser produção familiar e artesanal tornam os preços acima da média praticado nas feiras livres da capital paraense, porém, além de estabelecer como uma fonte de recurso para o feirante, a feira é constituída como um espaço para troca de saberes através das relações sociais existentes no local, indecentemente da condição social.

Dessa forma a feira de produtos orgânicos da praça Brasil e praça Batista Campos tornasse exemplo de política pública para Segurança Alimentar e Soberania Alimentar, promovendo espaços de solidariedades que divulgam cultura local, distribui renda aos produtores, fomenta a organização política e promove produção sustentável e orgânica além trazer novas relações de campo/cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRES, D.; BONNY, S.; LEPAPE, Y.; REMY, 1. **Uneethique de la pratique agricole** (Agriculteurs biologiques du NordDrôme). Paris: Institut National de la Recherche Agronomique, 2000.

BUCHLER, Sandra; SMITH, Kiah; LAWRENCE, Geoffrey. **Food risks, old and new: demographic characteristics and perceptions of food additives, regulation and contamination in Australia.** Journal of Sociology, University of Western Sydney, v. 46, n. 4, p. 353-374, Dec. 2010.

CAPORAL, F. R. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis.** Brasília: 2009. 30 p. Disponível em: http://www.sbsp.org.br/z1files/pub/147403629942442_Anais-SBSP-Sociedade-Brasileira-de-Sistema.pdf acessado em 25 de jun. 2019.

CAPORAL, Francisco Roberto. COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia e Extensão Rural: Contribuições para a Promoção do Desenvolvimento Rural SUSTENTÁVEL** Porto Alegre RS, 2014.

CAPORAL, Francisco Roberto. PETERSEN, Paulo **Agroecologia E Políticas Públicas Na América Latina: O CASO DO BRASIL** Agroecología 6: 63-74, 2012.

CHAFFOTTE, Lydie; CHIFFOLEAU, Yuna. **Vente directe et circuits courts: évaluations, définitions et typologie.** Cahiers de l'Observatoire CROC, Montpellier, n. 1, p. 1-8, févr., 2007.

DAROLT, Moacir Roberto. **Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores.** In: NIEDERLE, Paulo André; ALMEIDA, Luciano de; VEZZANI, Fabiane Machado (Orgs.). Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Curitiba: Kairós, 2013. p. 139-170.

DOURADO, José Aparecido Lima. **Agroecologia E Soberania Alimentar Na Amazônia: Para Além Das Trincheiras Discursivas Do Modelo De Desenvolvimento Agrário/Agrícola** Agroecologia Ria, São Paulo, No. 16, p. 4-34, 2012.

ESCOBAR, Arturo. **Globalización, desarrollo y modernidad.** In: _____ (Ed.). Planeación, participación y desarrollo. Medellín: Corporación Región, 2002. p. 9-32.

FERREIRA, Aline Guterres et al. **MERCADOS ALTERNATIVOS DE ALIMENTOS.** In: Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade / organizadores Fábio Dal Soglio e Rumi Regina Kubo; coordenado pela SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. 206 p



GOODMAN, Michael K.; GOODMAN, David; REDCLIFT, Michael. **Introduction: Situating consumption, space and place.** In: _____. Consuming space: placing consumption in perspective. Surrey, UK: MPG Books Group, 2010. p. 3-40.

GRISA, Catia; SCHNEIDER, Sergio. **Três gerações de políticas públicas para a agricultura familiar e formas de interação entre sociedade e Estado no Brasil.** In: _____ (Orgs.). Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2015. p. 19-50. Disponível em: <http://lemate.paginas.ufsc.br/files/2015/06/Livro_Politicas_publicas.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2015.

LEFF, Enrique. **A complexidade ambiental.** São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Aventuras da epistemologia ambiental:** da articulação das ciências ao diálogo de saberes. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. **Ecologia, capital e cultura:** A territorialização da racionalidade ambiental. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Epistemologia Ambiental.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Racionalidade Ambiental:** a reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Saber Ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. **Territorialidades e sociabilidades na feira livre da cidade de Caicó (RN).** Caminhos de Geografia, Uberlândia, v. 23. n. 17, 2016. Disponível em: <http://ppgeo.prosp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2008/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20JORGE%20FRAN%C3%87A.pdf> Acessado em 24 de jun.2019.

NESTLE, Marion. **Food politics: how the food industry influences nutrition and health.** Berkeley, California: University of California Press. v. 3, Introduction, p. 21-48, 2013.

NIEDERLE, Paulo André; ALMEIDA, Luciano de. **A nova arquitetura dos mercados para produtos orgânicos: o debate da convencionalização.** In: NIEDERLE, Paulo André; ALMEIDA, Luciano de; VEZZANI, Fabiane Machado (Orgs.). Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Curitiba: Kairós, 2013. p. 23-68.